



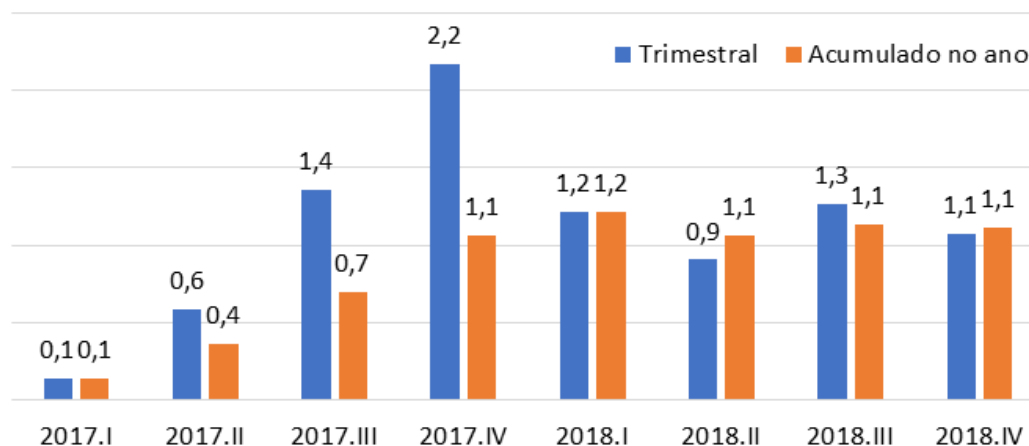
Boletim Conjuntural Fevereiro | 2019

1. CONJUNTURA NACIONAL

O quinquênio 2014-2018 representa uma trajetória inédita da alongada crise da economia brasileira. Depois de um início com estagnação em 2014 (variação do PIB em 0,50%), seguem-se dois anos de profunda recessão (-3,55% em 2015; -3,31% em 2016). Os anos de 2017 e de 2018 foram de lento crescimento com pouco mais de 1% em cada ano. O ano de 2019 representa um recomeço, por se tratar de novo mandato presidencial, sob inédita representação política de um governo que, na economia, apresenta discurso liberal.

O **Gráfico 1** traz variações do PIB trimestral nos dois últimos anos. Do início de 2017 até o primeiro trimestre de 2018 as variações acumuladas no ano são sempre positivas e crescentes: A partir daí, o crescimento do PIB estabiliza-se em 1,1%. De forma que o crescimento econômico do Brasil em 2018 é igual ao alcançado em 2017, ficando em 1,1%. Um crescimento bastante modesto, muito aquém de expectativas que no início do ano passado apontavam para uma variação positiva do PIB de cerca de 3%.

Gráfico 1 - Brasil: taxas de variação do PIB a preços constantes, em % - 1º trimestre de 2017 ao 4º trimestre de 2018 (base: mesmo período do ano anterior)

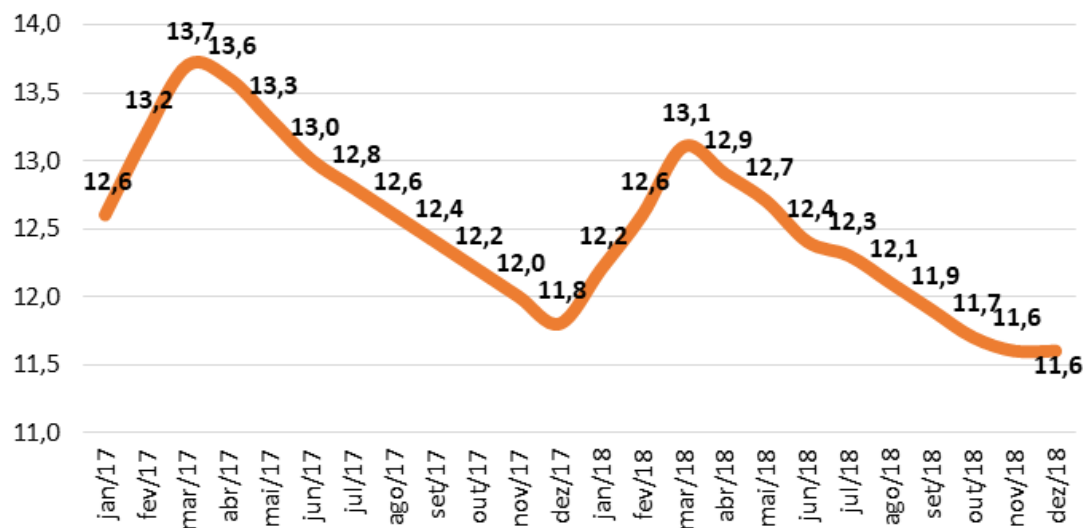


Fonte: Contas Nacionais Trimestrais/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Essa evolução pouco satisfatória da economia brasileira, associada com o crescimento da população economicamente ativa, tem mantido muito elevado o contingente de desempregados no país – mais de 12 milhões de pessoas. Trata-se de uma contingência tornada crônica, na esteira de prolongada crise, como antecipado no início desta seção.

Dados mais recentes da PNAD Contínua revelam uma taxa de desemprego aberto de 11,6% no trimestre outubro-novembro-dezembro de 2018 (**Gráfico 2**). Note-se que desemprego aberto não inclui aqueles que, mesmo desocupados, desistiram de procurar trabalho (os desalentados) – 4,7 milhões de brasileiros.

Gráfico 2 - Brasil: taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade (média móvel trimestral), em % - janeiro/2017 a dezembro/2018



Fonte: PNAD Contínua/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nota: Considera a média móvel trimestral do universo das pessoas de 14 anos ou mais desocupadas e na força de trabalho, sendo o mês de referência tomado como limite superior do trimestre.

Acrescente-se que, no período entre dezembro de 2017 e dezembro de 2018, a força de trabalho evoluiu de 104,4 milhões de pessoas para 105,2 milhões – uma expansão de 800 mil pessoas. No mesmo intervalo de tempo, o número de pessoas ocupadas passou de 92,1 para 93,0 milhões: um crescimento absoluto de 900 mil pessoas com alguma ocupação no mercado de trabalho. Ocorre que quase 2/3 desse acréscimo se refere a ocupações consideradas informais. Portanto, desemprego e precarização do trabalho voltaram, nesta alongada crise, a marcar severamente o panorama ocupacional no país.

Quando se particulariza a geração de ocupações formais, também no período de janeiro a dezembro de 2018, informações provenientes do Ministério do Trabalho/CAGED registram um número de admissões maior do que o número de demissões. Ocorre um saldo positivo de 529.554 empregos, em contraste com o saldo negativo de 2017 (**Tabela 1**). Mesmo assim, é um resultado aquém do necessário para mitigar o quadro atual de desemprego no país.

Tabela 1 - Brasil: saldo da movimentação do emprego formal janeiro-dezembro/2017, dezembro/2018 e janeiro-dezembro/2018

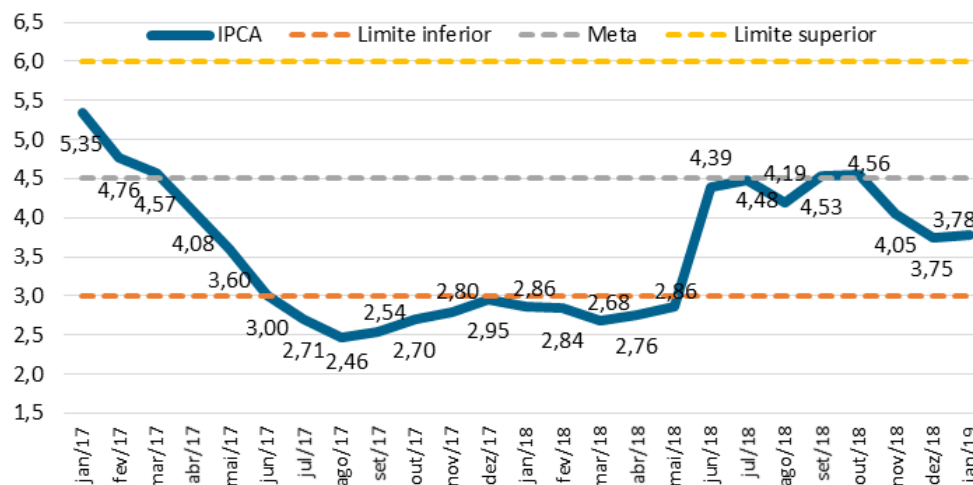
SUBSETOR	Jan/17-Dez/17	Dez/18	Jan/18-Dez/18
Agropecuária	37.202	-47.629	3.245
Indústria Extrativa	-5.950	-1.031	1.473
Indústria de Transformação	-21.059	-118.053	2.610
SIUP	-4.125	-1.406	7.849
Construção	-104.074	-51.576	17.957
Comércio	46.078	19.643	102.007
Varejo	32.044	21.948	71.586
Atacado	14.034	-2.305	30.421
Serviços	41.130	-117.411	398.603
Adm, técnicos e profissionais	39.094	-18.735	165.943
Saúde	49.983	-5.133	88.981
Ensino	2.214	-61.518	34.165
Alojamento e Alimentação	-27.542	-13.083	68.197
Transportes e Comunicações	-10.780	-17.807	33.819
Outros serviços	-11.839	-1.135	7.498
Administração Pública	-1.166	-16.999	-4.190
Total	-11.964	-334.462	529.554

Fonte: Caged/MTE.

(*) Saldo ajustado, considerando as informações de movimentação fora do prazo até dezembro/2018.

Outro aspecto fundamental para se qualificar a conjuntura econômica é o comportamento dos preços. A esse respeito, destaque-se que o indicador oficial de inflação (IPCA, Índice de Preços ao Consumidor Amplo), acumulado em 12 meses (**Gráfico 3**) atingiu 3,78% no primeiro mês de 2019, portanto abaixo do centro da meta estabelecida pelo Banco Central (4,5%) – um resultado muito bom. Mencione-se que o IPCA revelou forte desaceleração ao longo dos oito primeiros meses de 2017, elevando-se suavemente até abril-maio de 2018 (completando 12 meses consecutivos abaixo do piso da meta de inflação), até sofrer forte elevação em junho do mesmo ano, depois do movimento paredista no setor de transportes, deflagrado em maio. Em sequência, passou a se manter acima ou no entorno do centro da meta (4,5%), até fechar o ano de 2018 bem abaixo disso (3,75%) – um padrão dos melhores momentos da economia pós-Plano Real. Assim, se mantém um dos pilares necessários para uma consistente recuperação da economia brasileira.

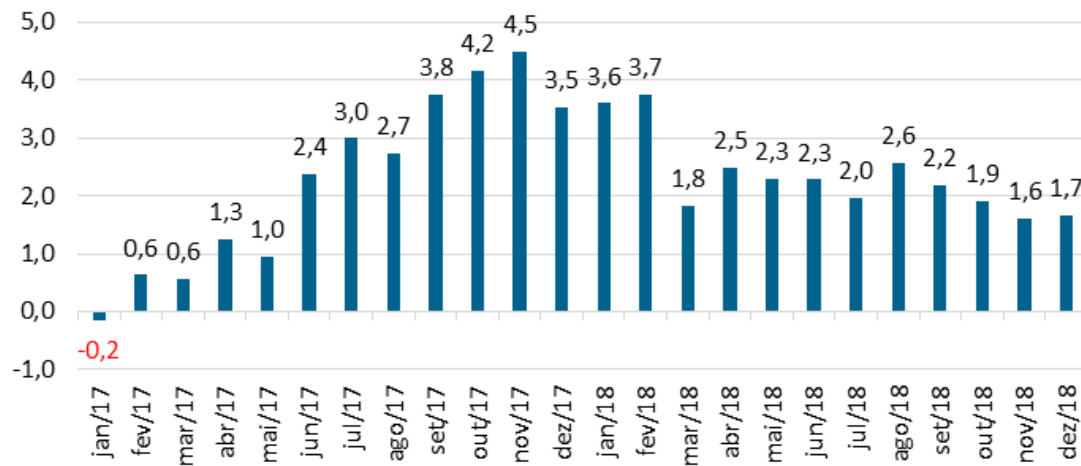
Gráfico 3 - Brasil: Meta SELIC, IPCA acumulado em 12 meses, em % - janeiro/2017 a dezembro/2018



Fonte: Sistema Nacional de Preços ao Consumidor/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Nesse cenário de algum crescimento da ocupação e de baixo patamar inflacionário, a massa real de salários mantém variação positiva, relativamente ao ano anterior (**Gráfico 4**). De fato, a variação real, no trimestre outubro-novembro-dezembro, ficou em 1,7% – relativamente à de igual período de 2017. Deve-se lembrar que o crescimento real da massa de rendimento da população contribui para o desempenho positivo tanto do varejo quanto da prestação de serviços.

Gráfico 4 - Brasil: variação real da massa de rendimentos do trabalho (média móvel trimestral) das pessoas de 14 anos ou mais ocupadas, em % – janeiro a dezembro de 2018 (base: mesmo período do ano anterior)



Fonte: IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

A economia nacional encerra o ano de 2018 com modesto crescimento, inflação baixa e geração de empregos insuficiente para diminuir significativamente o contingente de desempregados e de subempregados. Apesar disso, há otimismo por parte do “mercado”, que sinaliza para um crescimento do PIB de 2,48% neste ano e de 2,65% em 2020 – Boletim Focus do Banco Central de 22/02/2019. Essa expectativa positiva tem a ver com uma confiança do “mercado” de que o novo governo do país consiga implementar reformas estruturais importantes e que o país volte a trilhar trajetória de crescimento econômico sustentado.

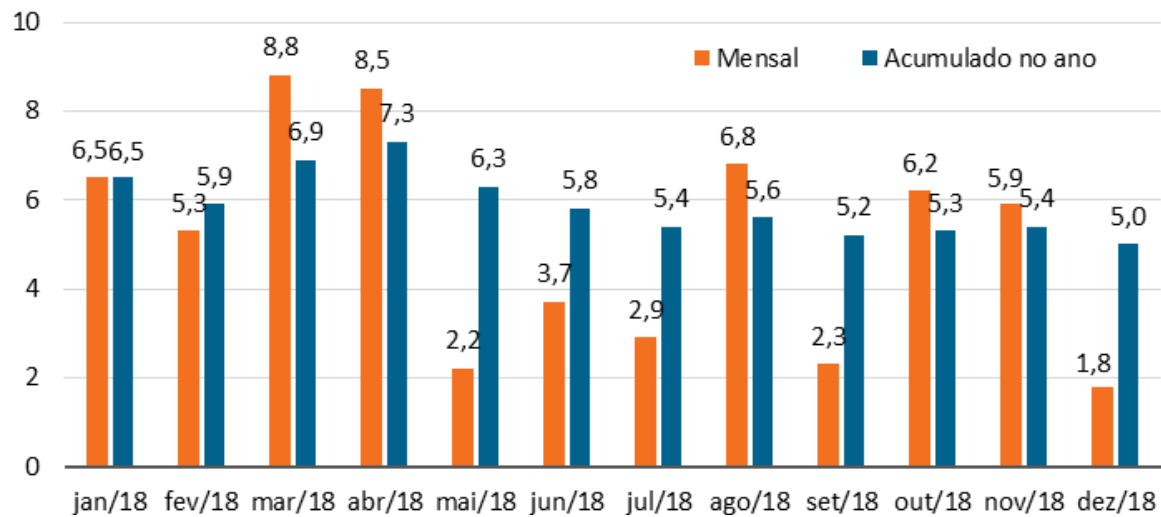
Comércio varejista: desempenho positivo em 2018

Mantido o procedimento usual na série de edições do Boletim Instituto Fecomércio, esta seção contempla informações sobre o comércio varejista brasileiro – consideradas duas abordagens, conforme sistematização na base de dados do IBGE: varejo (sentido restrito), conforme o que usualmente se entende por esse segmento da economia, e varejo ampliado. O desempenho mensal e o indicador acumulado do ano do volume de vendas do **varejo ampliado** – agregado que resulta do acréscimo de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e ‘materiais de construção’ ao conjunto de segmentos que compõem o comércio varejista propriamente dito – são apresentados no **Gráfico 5**. Analogamente, vê-se – no **Gráfico 6** – a trajetória mensal e o indicador acumulado, em 2018, do **varejo restrito**.

Como se vê, o volume mensal de vendas do varejo ampliado, no país – resultado acumulado do ano – é 5,0% superior ao observado no correspondente período de 2017; variação positiva bem superior ao crescimento do PIB. Em que pese o bom resultado, registre-se que essa é a menor variação do indicador acumulado ao longo do ano de 2018. O desempenho mensal registrado em dezembro de 2018, em comparação com dezembro do ano anterior, também é positivo mesmo sendo inferior aos crescimentos observados nos demais meses do ano. Contudo, reitere-se: são variações positivas bem acima do desempenho da economia do país.

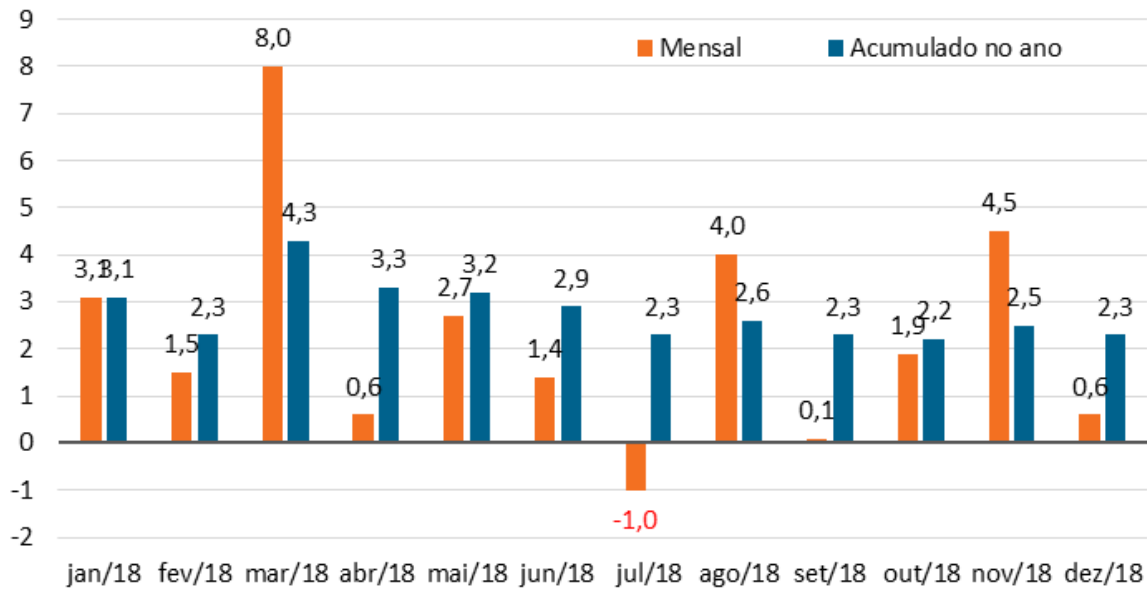
Por outro lado, o desempenho do varejo restrito – não considerados os segmentos de veículos e de material de construção – mostra que as variações, tanto em base mensal quanto no acumulado, também se mantêm no campo positivo, com exceção do desempenho mensal observado em julho (-1,0%). E, apesar de se tratar de variações bem inferiores às referidas para o varejo ampliado, também constituem, no geral, um crescimento superior ao da economia como um todo: o índice acumulado do ano é de 2,3% (**Gráfico 6**).

Gráfico 5 - Brasil: variação mensal e variação acumulada no ano do volume de vendas do Varejo Ampliado, em % - janeiro/2018 a dezembro/2018 (base: mesmo período no ano anterior)



Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Gráfico 6 - Brasil: variação mensal e variação acumulada no ano do volume de vendas do Comércio Varejista, em % - janeiro/2018 a dezembro/2018 (base: mesmo período no ano anterior)

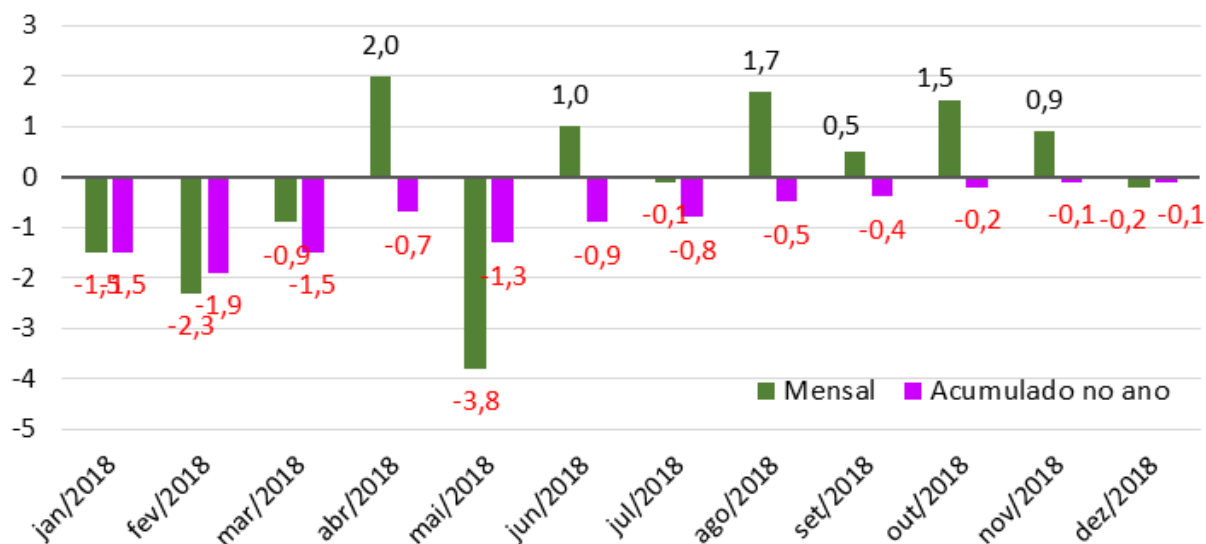


Fonte: PMC/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Serviços: em 2018, desempenho acumulado no ano é praticamente igual ao de 2017

No que diz respeito ao setor de prestação de serviços, verifica-se um volume de vendas levemente negativo em 2018 (-0,1%). Nota-se também que o resultado negativo de dezembro é uma repetição do que ocorreu no decorrer de todo o ano de 2018, quando o volume de prestação de serviços sempre registra desempenho acumulado abaixo do observado no ano anterior. (Ver **Gráfico 7**) embora as taxas de variação negativa acumuladas apresentem clara desaceleração ao longo do ano. Todavia, nos últimos dois meses de 2018 praticamente atinge-se a estabilidade, isto é, o volume de serviços prestados acumulado no ano é praticamente igual ao do ano anterior.

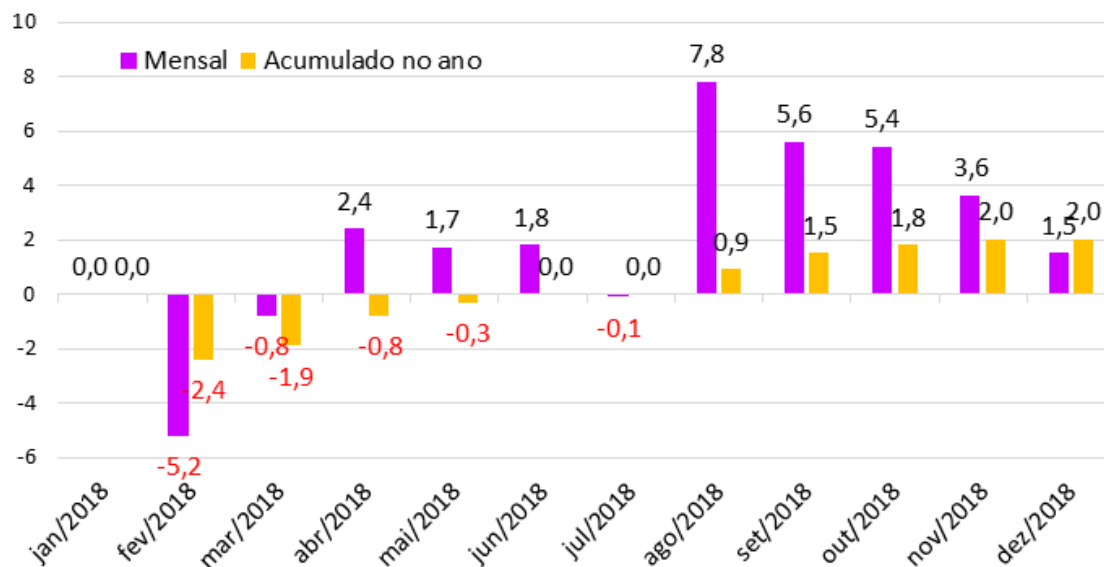
Gráfico 7 - Brasil: variação mensal e variação acumulada no ano do volume de Serviços, em % - janeiro/2018 a dezembro/2018 (base: mesmo período no ano anterior)



Turismo: resultado positivo no desempenho acumulado do ano

Como é usual, particulariza-se, nesta seção, o segmento de Turismo – específico conjunto de atividades que, no âmbito de Serviços, tem particular relevância. Os serviços de Turismo seguem, a partir de agosto de 2018, uma rota de crescimento, no contexto de uma lenta recuperação da economia brasileira. O resultado, para o acumulado do ano, descreve uma trajetória de crescimento: 0,0% em junho, 0,9% em agosto; 1,5% em setembro; 1,8% em outubro; e 2,0% em novembro e dezembro. Também são positivos os resultados mensais – alta de 7,8% em agosto; 5,6% em setembro; 5,4% em outubro; 3,6% em novembro, e 1,5% em dezembro – em comparação com idênticos meses do ano passado (ver **Gráfico 8**).

Gráfico 8 - variação mensal e variação acumulada no ano do volume de serviços nas Atividades Turísticas, em % - janeiro/2018 a dezembro/2018 (base: mesmo período no ano anterior)

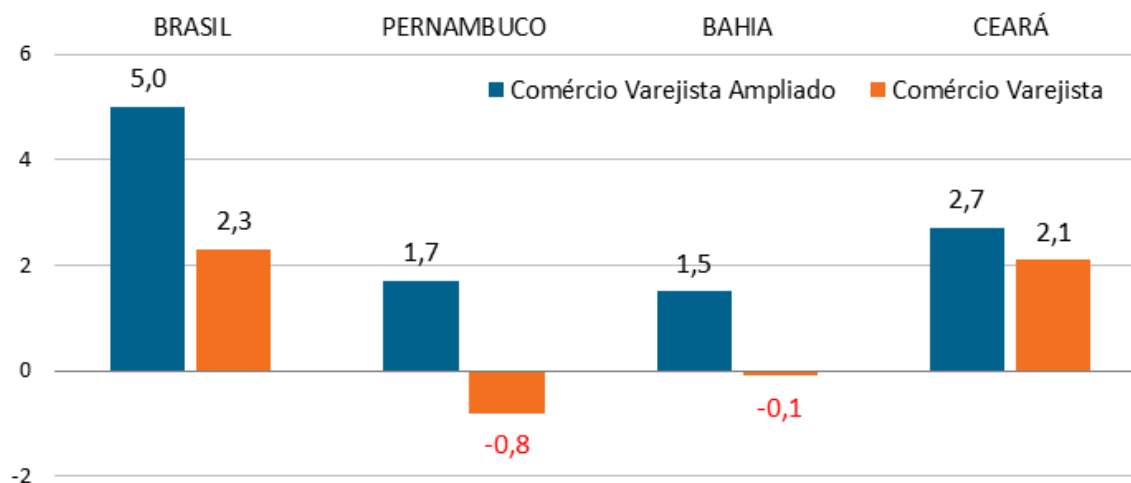


2. DESEMPENHO DO COMÉRCIO VAREJISTA E DOS SERVIÇOS EM NOVEMBRO DE 2018: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL/REGIONAL

A análise aqui conduzida passa a ter, nesta seção e na seguinte, Pernambuco como objeto central – o que se associa a esforços de contextualização nos planos nacional e regional. São assim apresentados o desempenho acumulado, em 2018, do comércio varejista de Pernambuco, operando-se a devida contextualização, conforme ilustrado no **Gráfico 9**, respectivamente para o varejo ampliado e o restrito. Os dados são referentes aos estados de Pernambuco, Bahia e Ceará, além de se considerar o resultado agregado para o país.

Destaque-se que a variação do volume de vendas do **varejo ampliado** em Pernambuco segue positiva (1,7%), no que se refere ao desempenho acumulado do ano (janeiro a dezembro). Embora positivo, é um crescimento bem inferior ao registrado para o varejo ampliado nacional (5,0%). Ver **Gráfico 9**.

Gráfico 9 - Brasil, PE, BA e CE: variação acumulada no ano do volume de vendas do Comércio Varejista e do Comércio Varejista Ampliado, em % - janeiro-dezembro 2018 (base: jan-dez/2017)

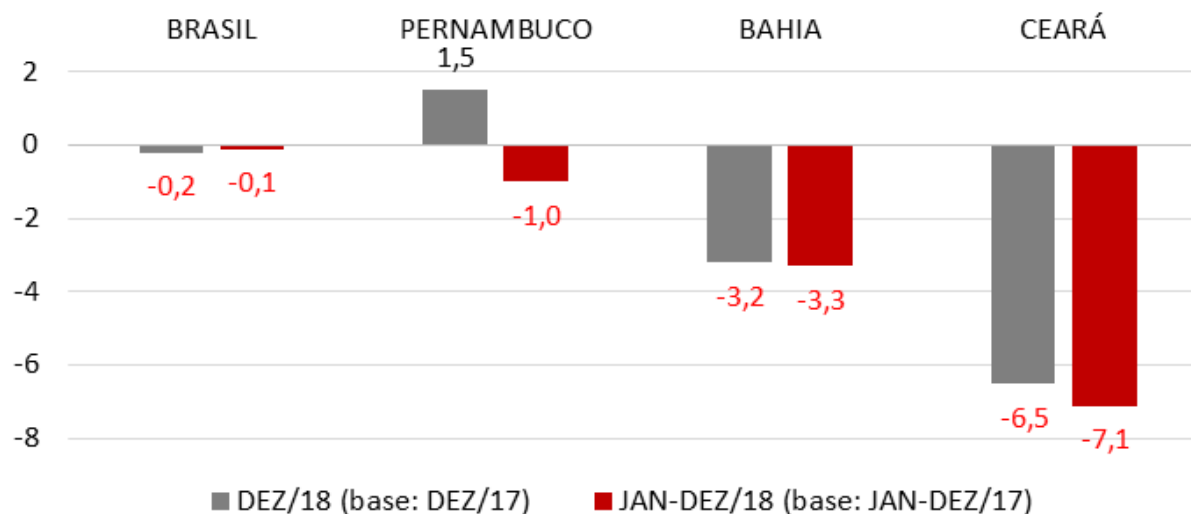


Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Chame-se atenção para o fato de que o melhor desempenho do varejo ampliado, em todos os territórios aqui considerados, é explicado pela influência positiva do segmento de veículos, que tem registrado variações positivas e acima da média dos demais segmentos do varejo.

No que diz respeito ao setor de serviços (**Gráfico 10**), é observado que o volume de serviços prestados em Pernambuco cresce no mês de dezembro (1,5%), em contraposição com o observado em dezembro do ano anterior. Contudo, o resultado acumulado do ano é negativo (-1,0%), uma queda mais forte do que a observada para o país como um todo (-0,1%). Resultado ainda mais fortemente negativos são registrados para o Ceará (-7,1%) e a Bahia (-3,3%). São desempenhos que deixam claro o grau de dificuldade enfrentado por atividades de prestação de serviços, cuja recuperação é mais lenta do que a que a observada em outros segmentos da economia.

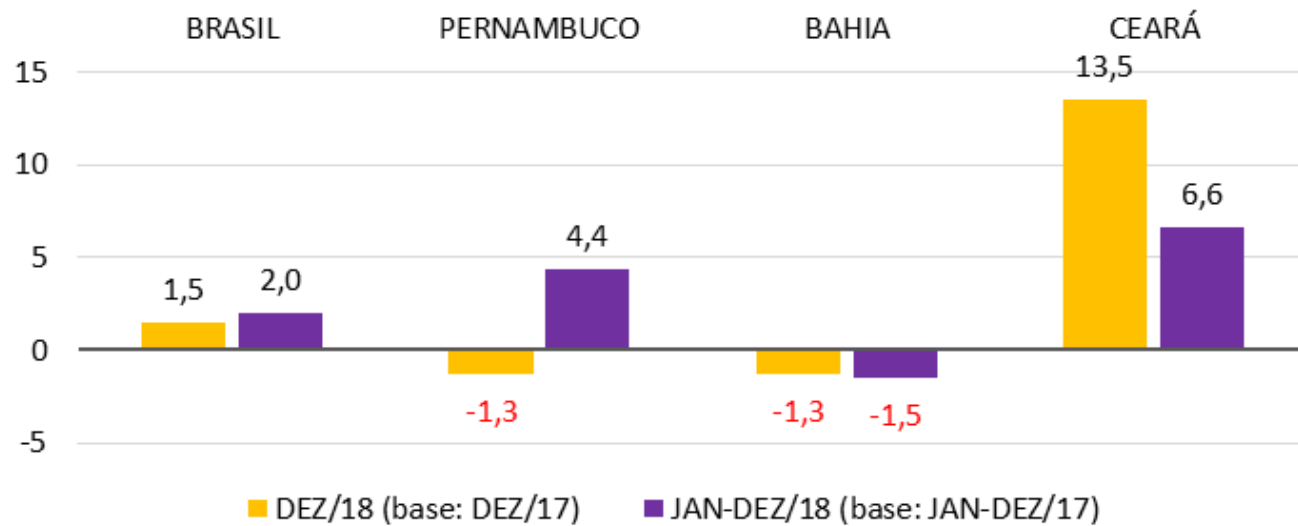
Gráfico 10 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal e acumulada no ano do volume de Serviços, em % - dezembro/2018 (base: mesmos períodos no ano anterior)



Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Outro procedimento usual, na série Boletim Conjuntural do Fecomércio, também é mantido, agora no que se refere a serviços: particularização do segmento de turismo. Também são considerados os três principais estados nordestinos e o país como um todo, novamente fazendo-se a contextualização dos resultados observados em Pernambuco (**Gráfico 11**). Conforme o indicador mensal e o acumulado do ano de 2018 (janeiro a dezembro), relativamente ao ano de 2017, Pernambuco continua registrando desempenho positivo (4,4%) no indicador acumulado do ano e bastante diferenciado, em contraposição ao país como um todo (2,0%). Novamente, como verificado em Boletins anteriores, o desempenho de Pernambuco no resultado acumulado do ano em atividades relacionadas com o turismo segue superior ao observado no país, embora abaixo do crescimento observado para o estado do Ceará (6,6%). Em termos do resultado mensal de dezembro 2018, Pernambuco apresenta um declínio de 1,3% no volume de serviços prestados.

Gráfico 11 - Brasil, PE, BA e CE: variação mensal e variação acumulada no ano do volume de Atividades Turísticas, em % - dezembro/2018 (base: mesmos períodos no ano anterior)

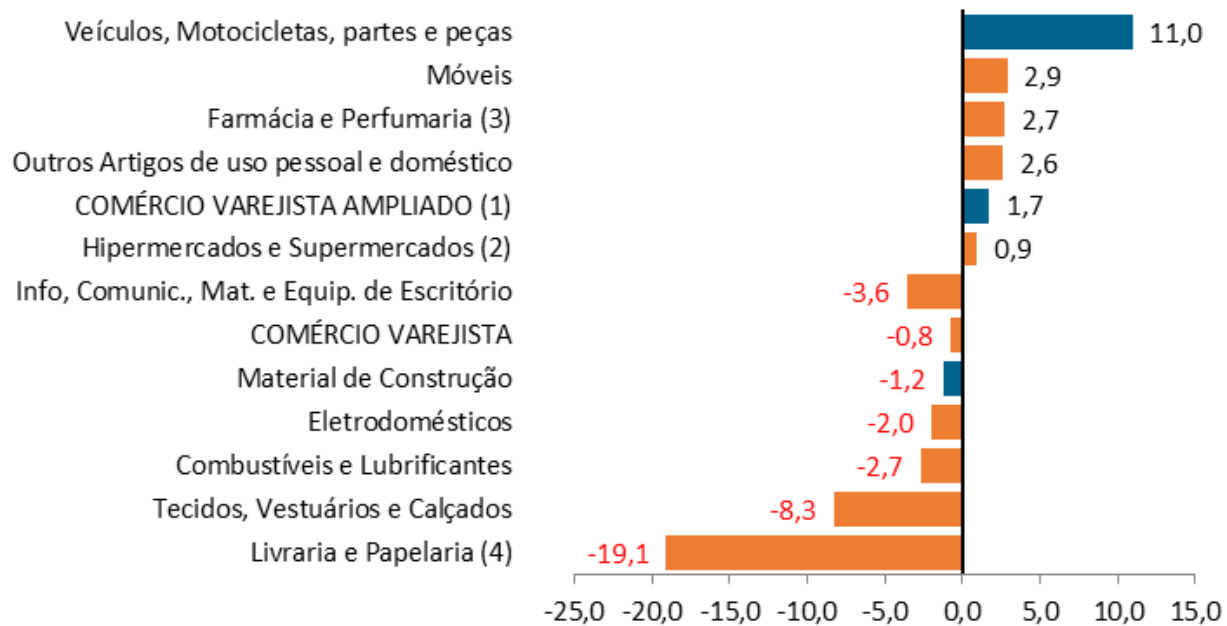


Fonte: Pesquisa Mensal dos Serviços/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

3. COMÉRCIO E SERVIÇOS EM PERNAMBUCO: DESEMPENHO CONFORME TIPOS ESPECÍFICOS DE ATIVIDADE

A análise empreendida nesta seção ganha um procedimento que a distingue da até aqui conduzida no tratamento das chamadas atividades do terciário: é feito um detalhamento via discriminação das atividades específicas que compõem os segmentos do comércio e da prestação de serviços. Em relação ao varejo, trata-se de dados sobre o volume de vendas – indicador acumulado de 2018 (janeiro-dezembro), comparativamente ao mesmo período de 2017 – para cada um dos onze grupos de atividades componentes do varejo, o que está contemplado no **Gráfico 12**, novamente explicitando-se os resultados agregados do setor: varejo restrito (-0,8%) e varejo ampliado (1,7%). Note-se que seis dos onze grupos específicos que compõem o comércio varejista cinco registram variações positivas em 2018, enquanto os demais registram variações negativas. Entre as positivas, o destaque é “veículos, motocicletas, partes e peças” (11,0%). Entre as negativas: livraria e papelaria (-19,1%); tecidos, vestuário e calçados (-8,3%).

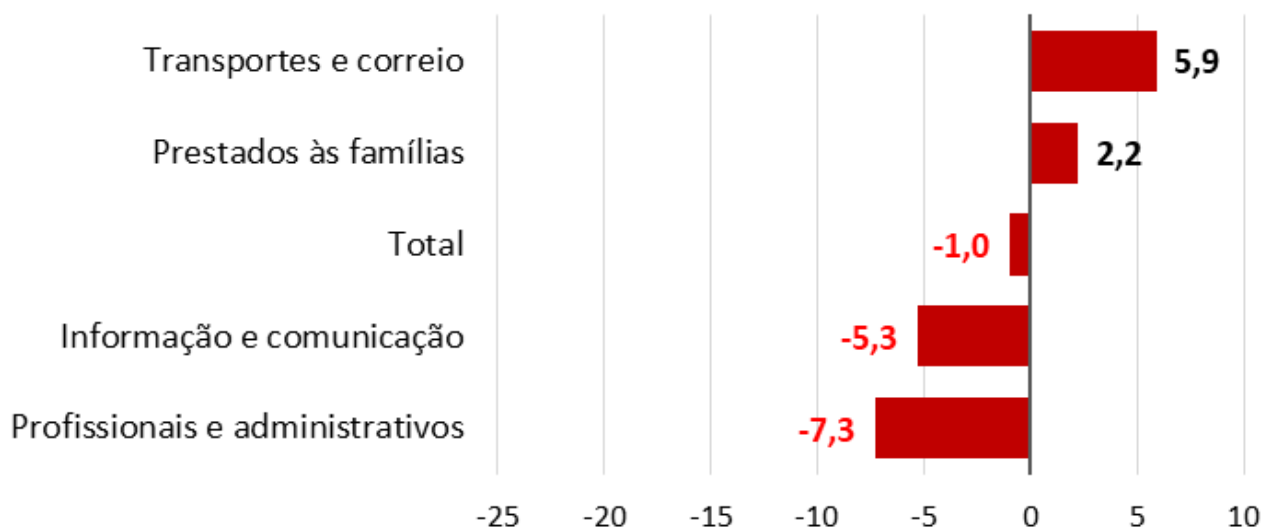
Gráfico 12 - Pernambuco: variação acumulada no ano do volume de vendas por Segmento do Comércio Varejista, em % - janeiro-dezembro/2018 (base: janeiro-dezembro2017)



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Em relação ao segmento de prestação de serviços (**Gráfico 13**), também é útil que novamente se mencione que, no agregado, a retração da atividade econômica nesse segmento, em 2018, chegou a -1,0%. O detalhamento evidencia que os grupos representados por 'serviços prestados às famílias' e 'transportes e correio' revelam desempenho positivo: respectivamente 2,2% e 5,9%. Para os outros dois agrupamentos, as variações do volume de vendas são negativas: 'Informação e Comunicação' (-5,3%); e 'Profissionais e administrativos' (-7,3%). Os resultados são qualitativamente similares aos sistematicamente observados em Boletins anteriores, sendo constatado o persistente e não alentador sinal sobre perspectivas de recuperação do segmento de prestação de serviços em Pernambuco.

Gráfico 13 - Pernambuco: variação acumulada no ano do volume de Serviços por Atividade, em % - janeiro-dezembro/2018 (base: janeiro-dezembro/2017)



4. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

Ao longo da Série Boletim Fecomércio do ano de 2018 foi se consolidando – depois de um início com relativo otimismo dos agentes econômicos – a expectativa, confirmada, de que o desempenho econômico do país fecharia com padrão modesto. Espelho de tal performance, os resultados para o mercado de trabalho também decepcionam: taxa de desocupação de 11,6% e ainda com mais de 12 milhões trabalhadores em situação de desemprego aberto. Ademais, o ônus da subutilização da força de trabalho (agregado composto por desocupados, subocupados por insuficiência de horas e a força de trabalho potencial – que tem idade e gostaria de trabalhar, mas não está trabalhando), que atinge quase 27 milhões de indivíduos.

Os fundamentos macroeconômicos básicos (taxa básica de juros em histórico baixo patamar, baixa inflação, bom nível de reservas cambiais), pró-recuperação da economia, permanecem como fatores positivos. Ademais, que opera como vetor positivo na recuperação a capacidade ociosa de força de trabalho e de máquinas e equipamentos.

Todavia, não devem ser subestimados eventuais óbices que emergem do ambiente político. No plano interno, deslizes políticos com origem na própria esfera governamental, em momento de busca de apoio às reformas, particularmente a previdenciária, nos segmentos empresarial, parlamentar e na própria sociedade. Tais deslizes desgastam o capital político do novo governo, e podem afetar expectativas. Também afirmamos, no mesmo Boletim, que a postura dos agentes econômicos que têm peso significativo em investimentos no Brasil era de prontidão para contribuir para a economia voltar aos trilhos do crescimento sustentado, a um ritmo satisfatório. É o que se estima a partir da leitura dos vetores macroeconômicos básicos acima destacados. Pode-se dizer que isso continuaria válido, mas mudanças bruscas no ambiente interno, assim como no cenário externo, podem alterar o panorama e afetar expectativas. Se no plano interno se vislumbram possibilidades de mudanças de cores das expectativas do “mercado” e da própria sociedade, no plano externo crises como a da Venezuela (morte da moeda e governo moribundo) e da Argentina (recessão) podem ter desdobramentos que afetem o Brasil. Ademais, no âmbito externo, podem ser lembrados potenciais fatores anteriormente mencionados:

rumores sobre possibilidade de desaceleração na economia da China e incertezas do Brexit no Reino Unido, elementos com potencial para mudar humores e câmbio no mercado internacional além das incertezas que envolvem a guerra comercial ainda não resolvida entre os Estados Unidos e a China e – em particular para países exportadores de commodities – afetar negativamente preços de importantes fontes de divisas para tais países. Uma desestabilização da economia de importantes países nucleares no panorama internacional pode elevar o prêmio de risco de certos países, inclusive produtores de commodities, puxando para cima a taxa global de juros de longo prazo, consideradas no patamar histórico mais baixo em tempos modernos.¹

Ocorre que, dado um preceito básico em economias de mercado – a via do crescimento depende, fundamentalmente, de decisões empresariais de investimento e produção em resposta a sinais que capta do ambiente econômico e institucional, e ao que se espera da demanda agregada –, mesmo em um cenário internacional mais complicado o Brasil poderia ser atrativo para capitais externos. Claro que, tal poder de atração, no caso brasileiro, poderia ser garantido por acerto do passo de reformas institucionais, como a da previdência social, e regras claras para as relações entre o capital privado e o setor público.

Note-se que, em termos de possibilidades de investimento e parcerias público-privadas, só o segmento de infraestrutura já oferece importante potencial atrativo para capitais privados. Mas há mais oportunidades. A perspectiva, recentemente noticiada na mídia, de privatização da VALEC (empresa criada em 1971, no setor ferroviário), que gerou considerável montante de despesas e acumula “esqueletos” de obras e trilhos que custam bilhões de reais, é alentadora. Outras oportunidades existem, desde que se venha a aprimorar o aparato regulador.

¹Conforme “Riscos para a economia global em 2019”, Kenneth Rogoff, ex-economista-chefe do FMI, é professor de economia e política pública na Universidade de Harvard. O GLOBO/OPINIÃO, 18/01/2019.

[<https://oglobo.globo.com/opiniaio/riscos-para-economia-global-em-2019-23379639>].

Teria, portanto, que fazer parte de tal quadro um adequado aparato legal, com agências reguladoras plenamente reformadas para atuar como devem; ou seja, operando para melhorar o funcionamento de mercados, defendendo interesses básicos da população – a exemplo das áreas de saúde, transporte público, energia – sem aceitar demandas espúrias ou manipulações de segmentos empresariais. Modernização institucional necessária à modernização do capitalismo no Brasil.

O efeito propulsor de recuperação da economia, em tal panorama, levaria a imediato impacto positivo no mercado de trabalho e na renda das famílias. E atração, tanto de capital externo, quanto de agentes dispostos a investir (grandes, médios e pequenos negócios). A recuperação da demanda agregada seria um motor do crescimento, *pari passu* a uma estratégia de saída da crise com modernização da economia. E tal modernização está também vinculada à modernização do setor público que necessita aumentar a sua produtividade.

5. BIBLIOGRAFIA

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Mensal do Comércio**. Dezembro/2018.

Pesquisa Mensal dos Serviços. Dezembro/2018.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Janeiro/2019.

Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor. Janeiro/2019.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados**. Janeiro/2019

EXPEDIENTE FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio:
Brena Castelo Branco
Economista: Rafael Ramos
Designer Gráfico: Nilo Monteiro

EXPEDIENTE CEPLAN-PE

Osmil Galindo | Economista
Ademilson Saraiva | Economista
Roberto Alves | Estatístico
Jorge Jatobá | Economista
Tania Bacelar | Economista

**Sede provisória Rua do Sossego, 264, Boa Vista,
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)**

**Anexo: Rua Bispo Cardoso Ayres, 147, Sala 105,
Santo Amaro (esquina com a Rua do Príncipe)
Recife, Pernambuco, Brasil, CEP 50.050-135
Tel.: (81) 3423-8423 | 3423-7440 (PABX)**

